

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

### DA ABORDAGEM ESTRUTURAL AO GERATIVISMO CHOMSKYANO

*Sílvia Ribeiro da Silva*<sup>11</sup>  
[shivonda@gmail.com](mailto:shivonda@gmail.com)

A linguagem está presente em tudo aquilo que fazemos. É ela que permite as relações entre as pessoas. Aquilo que aprendemos e transmitimos aos outros só é feito porque usamos a linguagem para tal. Sem ela seria impossível a convivência humana e as relações sociais.

O linguista Hjelmslev afirma ser a linguagem inseparável do Homem. Ela está com ele em todos os seus atos e é o instrumento graças ao qual ele modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos; o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana.

Desde o início do século XX, o estudo da linguagem ganhou terreno e foi mais difundido a partir das ideias veiculadas pelos estruturalistas, liderados pelo suíço Ferdinand de Saussure<sup>12</sup>. A palavra estruturalismo remete a algumas das correntes da Linguística moderna que vieram à tona após a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), em 1916. As correntes iniciadas a partir de então surgiram entre duas grandes ramificações de estudos: a Escola de Genebra de Saussure, na Europa, e a Escola Mecanicista de Leonard Bloomfield, nos Estados Unidos.

Ambas levavam em consideração a questão de que as línguas naturais devem ser tratadas como entidades autônomas. O trabalho estrutural feito pelos europeus e pelos americanos levava em consideração apenas a noção de estrutura. Tanto uma corrente quanto a

---

<sup>11</sup> Mestre em Linguística. Doutor em Linguística Aplicada. Professor Adjunto I na Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. E-mail: [shivonda@gmail.com](mailto:shivonda@gmail.com)

<sup>12</sup> As palavras estrutura, estrutural e estruturalismo vêm sendo muito usadas e difundidas por estudiosos dos fenômenos da linguagem. Conforme Benveniste (1995), a palavra estrutura não é a essencial para qualificar a Linguística, mas o adjetivo estrutural. Rapidamente estrutural gerou estruturalismo e estruturalista (BENVENISTE, 1995).

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

outra trabalha com as mesmas ideias. Segundo eles, cada língua tem sua estrutura (daí o nome estruturalismo), suas categorias, às quais não se pode chegar senão pelo estabelecimento das unidades no interior de cada sistema, e das relações opositivas entre essas unidades.

Segundo Lopes (1995), o termo estrutura foi usado pela primeira vez, em estudos de Linguística, no 1º congresso de Filólogos Eslavos, ocorrido em Praga no ano de 1929. No ano anterior, acontecia em Haia o 1º Congresso Internacional de Linguistas em que três linguistas russos – Roman Jakobson, Sergey Karcevsky e Nicolas Sergueevitch Trubetzkoy – colocavam pela primeira vez em evidência ideias a respeito de estrutura. Nascia o Círculo Linguístico de Praga.

O trabalho desenvolvido pelos russos tinha como objetivo estudar os sistemas de fonemas. O que faziam em seu estudo era mostrar as relações existentes entre eles, ou seja, traçar o esquema de estrutura de uma língua a partir das descrições precisas de sistemas fonológicos variados. Segundo eles, não se pode determinar o lugar de uma palavra no sistema lexical, a não ser após ter feito o estudo de sua estrutura.

A “estrutura” nasceu a partir da decisão de alguns linguistas que se propunham a reagir contra os estudos puramente históricos que vinham sendo feitos até então<sup>13</sup>. Eles quiseram lutar contra uma linguística que dissociava a língua em elementos isolados e se ocupava em seguir-lhes as transformações (BENVENISTE, 1995). Se os estudos não tinham cunho histórico, tinham caráter normativo ou prescritivo.

No campo da Linguística, o trabalho do estruturalista Ferdinand de Saussure serviu por muito tempo como modelo e inspiração para trabalhos futuros. A característica do estruturalismo linguístico de Saussure foi centrada não no discurso próprio, mas nas regras e nas convenções subjacentes que permitem à língua operar-se.

---

<sup>13</sup> Convém lembrar que até Saussure fundar os princípios do Estruturalismo o estudo que era desenvolvido era o Histórico-Comparativismo, liderado por Franz Bopp. Para Bopp e seus seguidores, importava um estudo que traçava a história de uma língua a partir da comparação de textos escritos, buscando níveis de semelhança entre os elementos constituintes dessa língua.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ao analisar a dimensão social ou coletiva da língua melhor que no discurso individual, o Estruturalismo abriu caminho e promoveu o estudo organizado da descrição da estrutura e funcionamento das línguas. Saussure estava interessado na infraestrutura da língua comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente. Ele não fez referência à evolução histórica. Na terminologia do Estruturalismo saussuriano, o estudo da língua é sincrônico, existindo agora; melhor que o diacrônico, existindo e mudando com o tempo.

O que não deve ser esquecido é que Saussure não usava o termo estrutura, e sim sistema. Para o mestre suíço, a língua é um sistema de relações cujos elementos devem ser estudados sincronicamente (CARVALHO, 1997). Sendo um sistema, a língua é formada por partes relacionadas entre si. Todo estudioso dos fenômenos da linguagem que encara a língua como um sistema organizado por uma estrutura que pode ser descrita adota a visão estruturalista de estudo.

Segundo os seguidores do Estruturalismo, a estrutura linguística é arbitrária, sendo, portanto, produto de pura convenção. Rejeitam a afirmação a respeito de as estruturas serem reunidas de acordo com afinidades refletidas por uma capacidade humana inata para a linguagem<sup>14</sup>.

O Estruturalismo insistiu nos aspectos distribucionais e funcionais das unidades como meio de identificá-las. Dessa forma, as palavras em Português, por exemplo, se definem de acordo com a posição que ocupam na frase e de acordo com sua função, a qual é dada pela posição. Defende-se a ideia de que na língua as unidades constituintes não têm existência por si só, mas apenas em função das relações que há entre si. O seu princípio fundamental é o de que a língua constitui um sistema no qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência (BENVENISTE, 1995).

---

<sup>14</sup> É bom lembrar-se de que Saussure afirmava ser a língua um tesouro coletivo *depositado* em nosso cérebro pela prática da fala. Assinalei não por acaso a palavra “depositado”. A forma como nos diz Saussure, evidencia o quanto para ele a capacidade inata para a linguagem, ideia defendida por Chomsky e pelos Gerativistas anos depois, não era aceita. Sendo a língua algo depositado, isso se dá se não houver no indivíduo que recebe tal depósito algum vestígio dessa língua. Ao contrário, não haveria depósito, mas complemento e ampliação do que já teria existência (depósito) prévia.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O Estruturalismo ia contra os conceitos gramaticais defendidos pela gramática tradicional. Aos estruturalistas, o que importava era a função de determinado vocábulo e sua posição na frase. Sabemos que os conceitos da gramática tradicional não funcionam sempre. Os estruturalistas acabam tendo razão. A gramática trabalha com o conceito de noção, enquanto que o Estruturalismo trabalha com o conceito de função e posição.

Um pronome, por exemplo, só terá essa designação se tiver função de pronome. Seu papel é o de substituir um nome, estando relacionado a ele. Essa é sua função e ela será determinada pela posição que a palavra ocupa na frase, ou seja, o local onde ela aparecer. Se não nos guiarmos por esse conceito estruturalista, podemos nos enganar ao classificar um **o**, por exemplo, como pronome demonstrativo e ele ser um artigo, ou até mesmo um substantivo.

As unidades da língua não têm existência por si só (conforme a gramática tradicional afirma), mas em função de suas relações e oposições. Na visão estruturalista, uma palavra é aquilo que as outras do sistema não são. A classe de uma palavra é determinada por sua relação com a palavra vizinha. Isso é a solidariedade que as partes constituintes do *corpus* estabelecem umas com as outras e dão a uma palavra uma função e não outra.

O Estruturalismo americano de Leonard Bloomfield trabalha com as regras de estrutura sintagmática e com a noção de constituinte imediato. O norte americano dizia que as línguas são estruturadas através de segmentos denominados constituintes.

Veja: *Eu aprenderei linguística*. Este enunciado tem dois constituintes: *Eu* (sintagma nominal) e *aprenderei Linguística* (sintagma verbal). O sintagma verbal tem dois constituintes: *aprenderei* (verbo) e *linguística* (nome). Cada um desses constituintes é formado por outros, que são os morfemas que, por sua vez, são formados por outros, os fonemas. A segmentação do *corpus*, de acordo com a gramática de constituintes imediatos, acontecerá até que não seja possível nova divisão.

Não podemos deixar de lado a observação de que as duas tendências, a europeia e a americana, apresentam diferenças. As dife-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

renças são observadas tanto no tipo de influência que cada uma exerceu como no que fez com que cada uma tivesse início.

Na Europa, tem-se o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, como o fator iniciante do Estruturalismo europeu. Nos Estados Unidos, o livro *Language*, de Bloomfield, é a marca de início desse movimento.

Há também diferenças nas obras. Em Saussure, tem-se um livro póstumo redigido por alunos seus. O que se tem é um conjunto de exposições que tendem a pedir uma análise detalhista e crítica. Meillet, grande discípulo do Saussure dos anos 1880-90, diz em Mounin (1973, p. 58) que "O livro póstumo é o livro que o mestre não fizera e nunca teria feito, ele é apenas uma redação das ideias de Saussure feita por dois de seus alunos, os ensinamentos de Saussure estão no livro, mas de forma esquematizada."

Em Bloomfield, tem-se uma obra que pode ser considerada uma espécie de manual para os linguistas americanos. A obra de Bloomfield é notável pela sua posição de despojamento filosófico e rigor técnico.

A própria ideia do que é estrutura difere na Europa e nos Estados Unidos. Os estruturalistas europeus entendem que estrutura é uma combinação solidária entre partes que constituem um todo. Dizem, ainda, que a relação de oposição e contraste entre as partes constituintes do *corpus* é imprescindível para a palavra seja uma coisa e não outra, já que uma palavra é o que ela não é<sup>15</sup>. Já para os americanos a estrutura será a distribuição dos elementos e as possibilidades de associação e substituição. Os americanos observam muito que a questão da posição ocupada por certo elemento é a responsável pela sua definição dentro do conjunto no qual está presente.

A escola linguística difundida por Bloomfield nos Estados Unidos teve alguns méritos. Dentre eles, pode-se destacar sua ideia em relação à possibilidade de uma investigação linguística para todas as línguas do mundo, contrário à ideia de que a Linguística deveria

---

<sup>15</sup> A esse fenômeno Saussure chamava de *relativismo negativo do signo*, tendo em vista que "cão" significa "cão" porque não significa "gato", não significa "rato" e assim por diante (ORLANDI, 1993).

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ficar apenas no indo-europeu. Além disso, é mérito da escola bloomfieldiana o desenvolvimento de técnicas descritivas em Linguística. Também tem participação na mostragem de que os estudos da Linguística podem servir muito bem ao ensino de línguas estrangeiras. O próprio Bloomfield iniciou esse tipo de estudo. Outro mérito de Bloomfield foi mostrar que o estudo da linguagem deve ser feito a partir de uma análise objetiva, ao invés do certo e errado adotados pela gramática tradicional (CÂMARA JR, 1975). Deve-se a ele ainda o estabelecimento dos constituintes dos sintagmas na instauração da gramática de constituintes imediatos.

Já as ideias de Saussure foram importantíssimas na história da Linguística. Destaca-se o fato de Saussure ter deixado à mostra que há duas Linguísticas que ficam uma ao lado da outra: uma Linguística Descritiva e uma Linguística Histórica. Também merece destaque o fato de as formas linguísticas serem nada mais nada menos do que a relação entre uma imagem acústica e um conceito. Outro destaque é em relação à arbitrariedade existente entre a imagem acústica e o conceito. Também não pode ser deixada de lado a enorme contribuição do suíço para os estudos da linguagem ao estabelecer as dicotomias.

Outras contribuições do Estruturalismo são o Distribucionalismo e o Funcionalismo. Segundo as ideias distribucionalistas, na língua, as palavras são *distribuídas* como se fossem cartas de um jogo de baralho. Cada jogador recebe uma carta determinada e com ela realizará suas jogadas. Cada carta tem uma *função* específica. Dessa forma, cada uma exerce um papel dentro do jogo, tendo mais poder que a outra. Com a língua acontece o mesmo. Cada palavra é *distribuída* de acordo com sua *função*. Assim, o artigo é *distribuído* relacionando-se ao substantivo porque tem *função* de determinar este; o adjetivo é *distribuído* fazendo relação a um substantivo porque tem a *função* de indicar uma qualidade deste, e assim por diante. Um artigo jamais vai ser *distribuído* fazendo referência a um verbo porque não serve para determiná-lo, essa não é a sua *função*. Da mesma forma, o verbo de uma oração não vai ser núcleo do sujeito de outra, pois sua *função* é determinar características do predicado. O Distribucionalismo e o Funcionalismo entram aí. Quando o falante nativo *distribui* as palavras de acordo com sua *função* específica, ele faz a estrutura da sua língua. Isso acontece naturalmente graças à nossa competên-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

cia linguística. Somos capazes de fazer toda essa “jogada” sem ao menos nos darmos conta disso.

Dentro de nós é como se tivéssemos um arquivo cheio de gavetas repletas de palavras pertencentes às dez classes gramaticais. Quando há a necessidade de interação, abrimos as gavetas e tiramos as palavras construindo frases de nossa língua. Essas palavras não são colocadas aleatoriamente. Nós sabemos o local onde cada uma deverá aparecer. Esse saber colocar é graças à competência enquanto falantes. Então, *distribuímos* as palavras em seu local apropriado dependendo da *função* de cada uma, constituindo assim a estrutura de nossa língua.

Saussure dizia que a língua é como um jogo de xadrez. O jogo de xadrez tem um tabuleiro cheio de pedras. Cada pedra tem uma *função* (como as palavras da língua). Cada pedra tem uma *posição* a ocupar (como as palavras também). O que determina o *status* da pedra não é o material de que é feita ou o seu tamanho. Esse *status* é determinado pela *posição* que a pedra ocupa no tabuleiro. O mesmo acontece com as palavras. Não importa se o substantivo é a palavra “novo” ou “cabeça”. Da mesma forma, não interessa se a palavra é pequena como “pé” ou grande como “inconstitucionalidade”. O que importa é a *posição* que ela ocupa e sua *função* na oração. Da mesma forma que as pedras do jogo, as palavras da língua não podem ser colocadas em qualquer lugar aleatoriamente. Cada uma tem seu lugar determinado, sua *função* específica.

As ideias estruturalistas europeias e americanas encontraram na década de 50 um estudioso que as criticava. Trata-se de Noam Avram Chomsky. Mesmo tendo sido discípulo de Zellig Harris, conhecido distribucionalista americano, criticou a tendência classificatória usada pelos distribucionalistas (ORLANDI, 1993).

Chomsky substituiu o modelo sintagmático de análise adotado pelos estruturalistas e assumiu uma postura que distinguia dois níveis de representação estrutural: uma estrutura de superfície, que é a das unidades tal como elas se apresentam nas frases, e uma estrutura profunda, destinada a reunir informações que tornam possível a interpretação semântica dos enunciados.

## **FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Mesmo tendo Chomsky rejeitado a concepção de estrutura linguística, acabou por aproveitar a formulação bloomfieldiana das regras de estrutura sintagmática sem as quais não teria conseguido fazer a representação da estrutura profunda e nem formalizar as transformações pelas quais os elementos da língua passam no momento de constituir uma frase. Além disso, o Estruturalismo contribuiu com a ampliação do conhecimento das mais diversas estruturas linguísticas, aperfeiçoou técnicas de coleta e de controle de dados e até mostrou como certas estruturas são passíveis de um estudo mais abstrato e generalizante (BORBA, 1998).

Chomsky viu que seus antecessores não davam valor ao produtor da fala, mas, sim, ao produto. Para ele, o Estruturalismo falhou porque estudava palavras isoladas e não a frase em si e as demais que poderiam surgir a partir de uma primeira denominada matriz. Na concepção do linguista, tão importante quanto estudar a língua é estudar o seu produtor, uma vez que sem ele a língua simplesmente não tem uso efetivo. Por isso ele abandona o estudo puramente estrutural e funda as bases de um estudo que dá conta de explicar o que é necessário para que um falante produza todas as frases de sua língua, mesmo não tendo tido qualquer instrução para isso ou que tendo ouvido as frases antes.

Ele estabeleceu que as frases são compostas a partir de transformações que podem sofrer. Essas transformações são espontâneas. Teoricamente, as palavras ficam reservadas na nossa consciência de falantes em uma forma primitiva, no masculino e singular (determinantes e nomes) e no infinitivo (verbos). É o que Saussure chamava de eixo paradigmático. É lá que ficam as palavras que não estão sendo usadas. Então, quando vamos formular uma frase, aplicamos às palavras regras de transformação, que variam de acordo com a forma peculiar de cada código linguístico (gramática), de modo que a mesma faça sentido. Por exemplo, aplicamos uma regra de conjugação verbal para indicar se aquilo que está sendo dito se refere a um fato passado, presente ou futuro. Em relação aos nomes, aplica-se uma regra de concordância, por exemplo, mesmo que ela fuja do que determina a gramática tradicional.

Convém lembrar que existe uma regra proveniente da gramática internalizada, que tem relação com a competência linguística,

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

para a construção “as pessoa chegou atrasada”. O que acontece é que é desnecessário, na ótica dessa gramática, marcar o plural no determinante (as) e no determinado (pessoa), tendo em vista que todo mundo sabe que “as” é mais de um. Marcar a concordância nos dois (determinante e determinado) seria uma redundância. Mesmo que isso fuja do que determina a gramática tradicional, não se pode negar que aí existe uma regra. Tanto é que muita gente diz “as pessoa chegou atrasada”, mas ninguém diz “a *pessoas* chegou atrasada”, ou “a pessoa *chegaram* atrasada”, ou ainda “a pessoa chegou *atrasadas*” porque não existe regra para essas construções e elas feririam as outras, tanto a da gramática tradicional quanto a da gramática internalizada dos falantes. Em todo caso, o que quero mostrar é que sempre será aplicada uma regra de transformação, seja a da gramática tradicional, seja a da gramática internalizada do falante.

Ao contrário de Saussure, Chomsky privilegiava o falante. Ao privilegiá-lo, criou o conceito que afirma que todos os falantes têm capacidade para gerar frases inéditas, mesmo as que nunca foram ditas ou ouvidas antes. Ele dizia que temos, dentro de nós, um conjunto finito de regras que nos capacitam a gerar frases infinitas. As frases são infinitas em número, mas são finitas em comprimento. Jamais vamos começar a falar uma frase e ficar falando a mesma frase para sempre.

O ineditismo da frase se deve a seu valor semântico-interpretativo, isto é, à sua significação e ao contexto enunciativo dentro do qual cada frase pode apresentar um sentido ou outro. No que tange à estrutura, não há nada de novo. O conjunto de possibilidades estruturais é limitado. Podemos nos propor a fazer a representação estrutural de todas as frases possíveis de serem construídas em Português. Pode ser uma tarefa cansativa, mas é possível. Assim, sempre que falamos, aproveitamos uma estrutura anterior já conhecida.

A essa capacidade que temos para produzir frases inéditas, Chomsky chamou de competência (ela equivale ao conceito de língua de Saussure). Ele diz, ainda, que a competência é o conhecimento que o falante-ouvinte possui da sua língua (CHOMSKY, 1965). A competência é inata. Todos nós a temos. É ela que nos possibilita falar a todo o momento. Somos os mais competentes entre os seres vi-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

vos no que se refere ao dom de falar. Nenhum outro ser vivo pode fazer o que nós somos capazes: gerar frases novas a todo instante.

Ao usar a capacidade de produzir frases que nos foi dada, fazemos uso de nossa competência, ou seja, nós a desempenhamos. A esse uso, Chomsky chamou desempenho (ela equivale ao conceito de fala de Saussure). O desempenho é o uso efetivo da língua em situações concretas (CHOMSKY, 1965).

O Gerativismo de Chomsky utiliza parte das teorias da Psicologia e da Matemática, sendo, talvez, a primeira vez que a Linguística faz um trabalho interdisciplinar. Em relação à Psicologia, o uso está na associação que o linguista faz entre o desenvolvimento cognitivo (psicológico) e o desenvolvimento biológico do falante, fazendo certa menção ao que dizia Piaget. Ao nascer, cada um de nós possui na consciência de falante uma regra de estruturação mínima (dada pela natureza) que permitirá a produção de um conjunto de frases a partir de certa idade. À medida que o indivíduo se desenvolve biologicamente e cognitivamente, essa regra vai sendo ampliada, motivada por uma boa interação com o adulto. Aqui aparece certa relação com outra teoria da Psicologia: a de Vygotsky, quem diz que a interação com o adulto é essencial para o desenvolvimento da linguagem. Uma criança pequena, com desenvolvimento cognitivo e biológico restritos, não conseguirá elaborar uma frase com uma estrutura complexa. Já com mais idade, conseqüentemente com mais desenvolvimento cognitivo e biológico, a regra de estruturação mínima vai sendo ampliada se motivada pela interação com o adulto.

A aproximação com a Matemática está no fato de que, segundo os gerativistas, usamos as *regras* que temos, fazemos *substituições*, aplicamos *operações* e chegamos ao *resultado final*, que é uma frase.

Veja um exemplo da aplicação disso. Usamos as *regras*: a regra mínima que usamos é  $O \rightarrow SN + SV$ . Ela equivale a que usamos em Matemática para calcular um valor de  $\Delta$ , por exemplo, com a fórmula  $\Delta = b^2 - 4 \cdot a \cdot c$ ; fazemos *substituições*: a substituição é a troca do SN por um par como “O menino” e do SV por outro par como “beber água”, da mesma forma que podemos substituir os valores da fórmula de cálculo do  $\Delta$  por  $b = 2$ ,  $a = 1$  e  $c = 1$ ; aplicamos *operações*: aplicamos a operação ao colocar o SN (O menino) e o

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

SV (beber água) lado a lado (O menino + beber água) da mesma forma que podemos colocar os valores de a, b e c no lugar das letras, assim:  $\Delta = 2^2 - 4.1.1$ . Ao executar as transformações necessárias (concordância, regência, conjugação verbal...), chegamos ao *resultado final*: uma frase, resultado de uma substituição, aplicação de uma operação e execução das etapas de transformação, assim: O menino + beber água = O menino bebeu água (frase). Na Matemática,  $\Delta = 2^2 - 4.1.1 = 4 - 4 = 0$  (valor de  $\Delta$ ).

Chomsky diz que o falante é um verificador da gramaticalidade das frases. Todo falante é também um ouvinte daquilo que fala. Isso porque falamos e, ao mesmo tempo, ouvimos. Da mesma forma que falamos e ouvimos, também produzimos e interpretamos frases. Na hora de interpretar o que falamos e ouvimos, somos capazes de saber se aquilo é gramatical ou não. Sabemos, sem saber como, quando uma frase está bem estruturada gramaticalmente ou não<sup>16</sup>.

Assim sendo, percebemos que a frase “Ascorbinalus vericaneou a chourafaça de Lucratéu” está bem estruturada gramaticalmente, pois podemos perceber que há um sujeito praticante de alguma ação, “Ascorbinalus”, há um verbo indicativo da ação, “vericaneou”, e há um complemento para o verbo, “a chourafaça de Lucratéu”. Apesar de a oração não ter qualquer sentido semântico, tem sentido gramatical. Somos capazes de perceber essa gramaticalidade. Num outro exemplo, somos capazes de perceber a gramaticalidade da frase “minha fia não se casa com homi que não trabaia”, por mais que a gramática tradicional afirme que ela está errada.

Somos capazes de perceber também que a frase “a comprou de Luís casa Marina” está mal estruturada, é agramatical apesar de as palavras serem conhecidas semanticamente. É nesse aspecto que Chomsky afirma que somos *máquinas verificadoras da gramaticalidade das frases*. Essa capacidade que temos é graças à nossa competência. Por isso, temos competência para falar-ouvir e produzir-interpretar frases.

---

<sup>16</sup> Convém não se esquecer de que é gramatical uma frase que segue a estrutura mínima de elaboração de modo que todo o enunciado tenha sentido semântico. E agramatical a que fere essa ordem apresentando falta de sentido.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O Gerativismo de Chomsky tem algo a ver com o Racionalismo do século XVII. O Racionalismo, momento em que surge a *Gramática de Port-Royal*, foi aquele momento em que os estudiosos quiseram a criação de uma língua única, sem erros e ambiguidades, comum a todos os falantes. Os estruturalistas, ao segmentar o *corpus* em estruturas menores, relatavam *as diferenças* que havia entre as partes constituintes da frase. Os gerativistas estavam mais preocupados com *as semelhanças* do que com as diferenças. Isso porque eles viram que as línguas são iguais em estruturas e que a competência mínima do falante é também igual. Ao se preocupar com as semelhanças, Chomsky pensa quase como os racionalistas, que se preocupavam tanto com isso que quiseram criar uma língua universal, sem erros e ambiguidades.

Os conceitos de Chomsky são usados até os dias atuais. Ele é muito respeitado porque suas afirmações fazem muito sentido. Todos temos de concordar com ele em muitos aspectos.

Resta mencionar que a linguagem é o lugar onde os indivíduos se representam e constituem o mundo e suas situações. Não basta, portanto, estudar a língua como um código, como um conjunto de signos através do qual emissor e receptor enviam e recebem mensagens; nem como um sistema abstrato de relações entre partes que fazem com que sejam estruturadas frases de uma língua ou como um conjunto de enunciados desvinculados de um contexto. A linguagem não pode deixar de ser considerada lugar de interação, de representação de papéis.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas: Pontes, 1998.

CÂMARA JR. J. M. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CARVALHO, C. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 1997.

## **DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1965.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MOUNIN, G. *A linguística do século XX*. Lisboa: Editorial Proença, 1973.

ORLANDI, E. P. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/USP, 1991.